

CONSTITUENTES PRAGMÁTICOS EM POSIÇÃO INICIAL: DISTINÇÃO ENTRE *TEMA*, *TÓPICO* E *FOCO*¹

Erotilde Goreti PEZATTI²

- **RESUMO:** Este estudo trata da função pragmática Tema, no português oral e escrito, procurando estabelecer uma clara distinção entre esse constituinte e as funções, também pragmáticas, de Tópico e Foco. Para tanto, adota a perspectiva teórica da Gramática Funcional de Dik (1981, 1989) e utiliza, como *corpus* oral, os materiais do Projeto NURC e, como *corpus* escrito, textos de jornais, revistas de reportagens e cartas pessoais. O trabalho está dividido em cinco seções: 1. apresenta a justificativa de tal abordagem; 2. os princípios teóricos que embasam o trabalho; 3. fornece a caracterização do constituinte Tema; 4. estabelece a distinção entre as funções pragmáticas de Tema e Tópico; e, finalmente, 5. distingue Foco de Tema.
- **PALAVRAS-CHAVE:** Funções pragmáticas; tema; antitema; tópico; foco; antitópico.

Introdução

De um ponto de vista funcional, a linguagem é um instrumento usado para propósitos essencialmente comunicativos; por isso, somente é possível compreender adequadamente as expressões linguísticas se

1 Auxílio à Pesquisa – Fapesp – Proc. n.96/8892-0. Bolsa Pesquisador CNPq – 2C-Proc. n.300099/94-0.

2 Departamento de Letras Vernáculas – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas – UNESP – 15054-000 – São José do Rio Preto – SP.

forem consideradas operando em circunstâncias efetivas de interação verbal. Desse modo, muitas de suas propriedades são co-determinadas pela informação contextual e situacional disponível aos interlocutores. Isso significa que a estrutura gramatical pode manifestar diferenças relevantes, correspondentes à atribuição de diferentes funções pragmáticas aos constituintes. Por funções pragmáticas entende-se o conjunto completo de conhecimento, crença, suposições, opiniões e sentimentos disponíveis aos falantes no momento da interação.

Estudiosos de orientação funcionalista, como Dik, Chafe, Thompson, Du Bois, Prince, Hopper, entendem que o emissor organiza suas expressões lingüísticas de acordo com a avaliação que elabora da informação pragmática do destinatário no momento da enunciação. O objetivo do emissor é, em geral, levar o destinatário a efetuar alguma mudança em sua informação pragmática e, a fim de atingir essa meta, inicia seu enunciado tipicamente a partir de alguma porção de informação que o interlocutor presumivelmente já possuía, continuando, a seguir, a acrescentar aí outras informações que ele pensa serem novas para o destinatário; é isso que pode levá-lo, então, a operar modificação no conhecimento presumível do destinatário. A atribuição de funções pragmáticas é o mecanismo lingüístico que define a característica mais identificadora da linguagem, a de uma atividade cooperativa entre interlocutores socialmente organizados. Esse princípio é um dos motivos por que se justifica o estudo de funções pragmáticas no texto oral e escrito.

Acrescente-se ainda o fato de que há grande confusão na consideração das funções pragmáticas de tópico, foco, antitópico, tema etc. Tópico é, por vezes, tratado como o constituinte deslocado à esquerda, por isso seu estudo está sempre relacionado à ordem de palavras (Braga, 1984, 1986, 1987). A definição de tópico é, não raro, confundida com a de sujeito, que é uma categoria sintático-semântica e não pragmática (cf. os gramáticos tradicionais), e outras vezes com a de Tema, entendido ora como o constituinte que ocupa sempre uma posição especial na sentença, a inicial (Chafe, 1976), ora como o elemento dado, conhecido (cf. os funcionalistas de Praga, como Danes, Firbas, Combettes). Foco também aparece na literatura como uma categoria ambígua, já que, às vezes, é a informação nova (Dik, 1989), equivalente a rema; outras vezes é o comentário (Tarallo & Kato, 1989), opondo-se, nesse caso, a tópico; ou ainda o elemento a que o falante quer dar realce (Dik, 1989) ou simplesmente contrastar (Chafe, 1976).

Assim, em vista da confusão conceitual existente, este trabalho tem por objetivo estabelecer as propriedades gramaticais e pragmáticas dos

constituintes que se colocam em posição inicial na predicação, Tema, Tópico e Foco. Procura mostrar que o que tem sido denominado Topicalização (Top) corresponde, na verdade, ao fenômeno lingüístico de focalização com contraste, e o tão discutido constituinte deslocado à esquerda (DE) é o constituinte que estabelece o *frame* com relação ao qual se produz uma predicação, e não se confunde com o Tópico, a entidade do discurso sobre a qual se fala.

Será dada maior atenção ao Tema, pois este estudo se propõe primeiramente delimitar nitidamente o papel dessa função pragmática, e, em segundo lugar, distingui-la do Foco e do Tópico. Para dar conta dessa empreitada, investiga esses constituintes basicamente à luz da Gramática Funcional de Dik (1981, 1989), no português brasileiro. O *corpus* é constituído de textos orais pertencentes aos materiais do Projeto NURC e de textos escritos retirados de jornais, revistas de reportagens e cartas pessoais.

Fundamentação teórica

A teoria de ordenação de constituintes da Gramática Funcional (GF), proposta por Dik (1981, 1989), sustenta que cada língua tem um ou mais padrões funcionais, conforme o esquema geral representado em (1).

(1) P2, P1 (v) s (v) o (v), P3³

As regras de colocação inserem os constituintes da predicação subjacente em suas respectivas posições nesse esquema e nenhum movimento subsequente é permitido, uma vez que um constituinte tenha obtido sua posição na estrutura. P2 e P3 são as posições reservadas, respectivamente, para Tema (*Theme*) e Antitema (*Tail*),⁴ e as vírgulas indicam pausas entonacionais.

Assim, entre as vírgulas, encontram-se os possíveis padrões para a oração propriamente dita, as variações estruturais do que constitui uma

3 Os parênteses indicam aqui posição variável do constituinte V.

4 Convém explicitar que, na GF, *Antitema* abrange o constituinte que Tarallo & Kato (1989) chamam de *Anti-tópico* (sic), que se caracteriza como o resultado de uma regra de inversão livre, em que "o sujeito é um pronome resumptivo zero, anafórico de um SN em posição adjunta a S, não-argumental" (1989, p.30). A despeito da diferença de terminologia, o Antitema é também uma posição não-argumental e, portanto, adjunta a S, em termos gerativos. Conforme sugeri anteriormente (Pezatti, 1992), traduzi por *Antitema* o termo *Tail*, de Dik, pois, além de representar posição não-argumental, como o Tema, coloca-se linearmente em posição antagônica a ele.

predicação completa, conforme o esquema *Tema, Predicação, Antitema*. As regras de colocação determinam, em primeiro lugar, quais constituintes devem ou podem ir para a posição P1: verifica-se, primeiramente, se há algum constituinte-P1 na predicação, como palavras-Qu, pronomes relativos e conectores subordinativos. Se nenhum constituinte desse tipo estiver presente, então podem ser colocados na posição P1 constituintes com função de Foco ou de Tópico. Aplicadas as regras de P1, todos os demais constituintes da predicação assumem as respectivas posições estruturais, indicadas por s (sujeito), O (objeto), v (verbo) e outros símbolos possíveis, como X, usados especialmente para indicar posições de satélites.

Algo muito próximo de um preenchimento de todas as posições previstas no esquema em (1) seriam sentenças como (2); conforme já explicitado, s é levado, em virtude de sua propriedade tópica, para a posição P1.

(2) *Bebida alcoólica, ele gosta muito, o Pedro.*

P2, P1/S V X, P3

Em (2), *bebida alcoólica* é o Tema, que ocupa a posição mais à esquerda da predicação; o pronome *ele*, por acumular concomitantemente a função pragmática de Tópico e a sintática de sujeito da predicação, posiciona-se em P1, lugar reservado aos constituintes que têm uma função especial, seja gramatical ou pragmática; já o constituinte *o Pedro*, por esclarecer anaforicamente a referência do pronome *ele*, é pragmaticamente um Antitema, e ocupa a posição P3, reservada para essa função.

As funções pragmáticas são atribuídas aos constituintes de uma expressão lingüística do mesmo modo que o são as funções sintáticas. Frequentemente (mas nem sempre), os constituintes pragmáticos terão uma função semântica e, possivelmente, uma função sintática.

A lingüística funcional (especialmente Dik, 1989) distingue as funções pragmáticas de acordo com seu escopo estrutural. Desse modo, qualquer texto de uma língua natural pode ser exaustivamente dividido em constituintes extra-oracionais (posições P2 e P3) e constituintes intra-oracionais (Dik, 1981, 1989).

As funções pragmáticas **intra-oracionais** concernem ao estatuto informacional dos constituintes em relação ao contexto comunicacional mais amplo em que a oração é empregada. Por contexto comunicacional deve-se entender a avaliação do Emissor a respeito da informação pragmática do Destinatário no momento da enunciação verbal. As duas

funções pragmáticas intra-oracionais *foco* e *tópico* são sempre atribuídas a algum elemento da predicação (argumentos, satélites, operadores de termos e de predicados).

A função de **Tópico** apresenta a entidade sobre a qual a predicação predica alguma coisa numa dada situação; em outras palavras, na predicação nós dizemos alguma coisa sobre o Tópico, como se pode verificar com os constituintes *o empresário* e *ele* em (3), que desempenham a função sintática de sujeito da predicação e o papel semântico de Agente.

- (3) *O empresário havia saído de Sorocaba por volta das 12h, com destino a Taquarituba (315 Km a oeste de São Paulo), segundo Carlos Marinez de Moraes, primo de Martins Júnior e administrador da construtora. Ele levava consigo cerca de US\$ 40 mil para fazer pagamento de funcionários que trabalhavam na construção de casas populares.* (PO-FO-Brasil, 1 18:30)

A função de **Foco** de uma expressão lingüística, que representa, por outro lado, a informação relativamente mais importante ou saliente num dado contexto de interação verbal, é avaliada pelo Emissor como essencial para ser integrada na informação pragmática do Destinatário. Assim, em (4) a entonação mais acentuada na palavra *enorme* dá-lhe maior realce e indica a importância que o Emissor dá a essa informação nesse contexto comunicativo. Em tal caso, a função pragmática de Foco recai sobre o operador de termo *enorme*.

- (4) *you are going to the cinema you have to stay on your feet in a line eNORme... não é?* (DID-SP-234:581).

As funções pragmáticas **extra-oracionais**, como o próprio nome sugere, são desempenhadas por constituintes que não fazem parte da predicação propriamente dita, estando por isso mais intrinsecamente associadas à funcionalidade pragmática. Esses constituintes apresentam as seguintes propriedades:

- 1 podem preceder, interromper ou seguir a oração;
- 2 são tipicamente separados da oração por uma pausa entonacional própria;
- 3 não são sensíveis a regras gramaticais da oração, embora possam estabelecer relações de co-referência, paralelismo (mesma marcação de caso) ou metátese com a oração à qual estão associados;
- 4 não são essenciais à integridade interna da estrutura da oração, isto é, quando são subtraídos, a oração conserva a sua integridade estrutural e gramatical.

São exemplos de constituintes com função pragmática extra-oral os termos grifados nas sentenças (5-6).

- (5) Bem, então vamos tentar reconstruir a maneira de vida desse povo (EF-SP-405:54)
- (6) (es)tá muito complexo isso aí Francisco? (EF-POA-278:127)
- (7) temos por exemplo um presidente um secretário ... um tesoureiro que são por assim dizer as peças chaves (DID-RE-131:74)
- (8) então essas glândulas ... elas não se desenvolvem... (EF-SSA-49:28)
- (9) e:: depois volto para casa mas chego já apronto o outro para ir para a escola ... o menorzinho (D2-SP-360:158).

Como se pode observar pelos exemplos, os constituintes extra-orais servem a uma variedade de funções pragmáticas, tais como (1) *monitoramento* da interação, (2) *comentário* do conteúdo da oração e (3) *organização* do conteúdo da expressão, em relação ao contexto em que ocorre. Nos exemplos citados, distinguimos em (5) um Iniciador, em (6) um Vocativo, em (7) um Parêntese Modal, em (8) o Tema e em (9) o Antitema (ou Apêndice, segundo Peres, 1984).

O constituinte Tema⁵

O termo *Tema* é geralmente empregado para designar um grupo de constituintes, interpretado na literatura como "constituintes deslocados à esquerda". Para Dik (1981), o constituinte com a função de Tema apresenta o domínio ou universo discursivo (*frame*) com relação ao qual é relevante enunciar a predicação subsequente. Exemplificam essa função pragmática as expressões grifadas nas sentenças (10-11) a seguir.

- (10) então a minha de onze anos ... ela supervisiona o trabalho dos cinco... (D2-SP-360:192)
- (11) Quanto à casa da praia, é onde eu tenho me refugiado quando temos nossas férias e folgas... (CP-3.7.1996:PS)

Dik (1997) entende que as expressões linguísticas que se iniciam com um Tema atendem às seguintes estratégias do Falante:

⁵ Sob o rótulo de Tema, este trabalho inclui o que Dik (1997) denomina Orientação, uma espécie de superfunção pragmática em que podem ser distinguidos tipos mais específicos. Nesse caso, incluem-se o Tema, propriamente dito, e a Localização (*setting*) com respeito ao tempo, espaço e outras circunstâncias.

- (i) aqui está alguma coisa com relação à qual eu vou produzir uma informação. Nas sentenças acima, trata-se de *a minha [filha] de onze anos* em (10) e *quanto à casa da praia* em (11).
- (ii) e aqui está a predicação, que nas sentenças correspondem a *ela supervisiona o trabalho dos cinco* em (10) e *é onde eu tenho me refugiado quando temos nossas férias e folgas*, em (11).

Uma das propriedades do Tema é ser um constituinte externo à predicação,⁶ com ela conectado por razões pragmáticas. Pode-se comprovar esse caráter de independência da predicação com base nos seguintes argumentos.

O primeiro reside no fato de que a modalização da predicação subsequente não se aplica ao Tema; em outras palavras, à predicação que segue o Tema pode-se atribuir uma modalidade, tal como declarativa, imperativa e interrogativa, que não atinge esse constituinte, como pode ser observado no exemplo (12). Do mesmo modo, o Tema pode ter uma modalidade própria que não atinge a predicação, como nos mostra a ocorrência (13), cuja modalidade interrogativa incide apenas no Tema.

- (12) Doc. bom ... sobre alimentação aí... o que você tem visto que pode dizer prá gente? (DID-RJ-328:01)
- (13) peças? olha nem sei viu? o que falar agora sobre peças... todas que eu tenho assistido eu tenho gostado... (DID-SP-234:20)

Além disso, se há um verbo performativo explícito na predicação, o Tema não é dominado por ele. Assim, numa sentença como (12a), fica claro que o Tema está fora da modalidade performativa da predicação.

- (12a) bom ... sobre alimentação aí ... eu prometo que de agora em diante vou fazer refeições mais saudáveis

6 Dik (1997) assinala que em línguas que permitem anáfora zero, como o português, reduz-se a um fio tênue a diferença entre uma construção Tema+Oração e uma oração simples com Tópico anteposto, que ele denomina "Tema Integrado". Assim, a diferença entre *Aquele homem, eu odeio* e *Aquele homem eu odeio* se reduz a uma diferença de entonação. Algumas estruturas muito recorrentes no português falado, como *O meu carro furou o pneu*, em que o SN anteposto se comporta como sujeito, mencionadas por Pontes (1987), são exemplos desse tipo de integração. Buscando explicação em Givón (1976), Dik interpreta os casos de "Tema Integrado" como decorrentes de um processo de gramaticalização de que resulta a "desmarcação" (*demarking*) gradual de uma construção com constituinte Tema marcado. Dado esse processo de desmarcação, é possível esperar que haja construções intermediárias em que o Tema já tenha sido incorporado como um constituinte oracional, mas preserva ainda grande parte de suas propriedades originais.

O segundo argumento reside no fato de ele não ter função sintática nem semântica e, conseqüentemente, nenhuma marca correspondente à de seu constituinte co-referencial dentro da predicação. Assim, em muitas línguas, o constituinte colocado mais à esquerda pode não ter a marca de caso que teria, se ocorresse dentro da predicação, ou seja, ele necessariamente se investirá de uma espécie de “forma absoluta”, caracterizada pelo caso menos marcado, geralmente o nominativo. Em outras línguas, porém, o constituinte mais à esquerda pode aparecer na forma absoluta ou com o caso correspondente ao do seu co-referente dentro da predicação. Assim o português pode ter o Tema na forma absoluta, como em (14), ou com caso marcado como em (12), aqui repetida.

(14) *agora... bebida alcoólica eu gosto de qualquer tipo de bebida...*
(DID-RJ-328:787)

(12) *Doc. bom... sobre alimentação aí... o que que você tem visto \emptyset que pode dizer prá gente?* (DID-RJ-328:01)

Como o Falante freqüentemente produz o Tema antes de ter uma idéia clara do tipo de predicação que irá produzir sobre ele, é muito natural encontrar o fenômeno de hesitação entre o Tema e a predicação, conforme se verifica em (15), em que o *ah* emitido depois do Tema, *especificamente o tipo de carreira*, indica claramente a hesitação do falante antes de construir a predicação. Esse fenômeno torna difícil sustentar a idéia de que o constituinte mais à esquerda foi extraído de uma predicação desenvolvida antecipadamente.

(15) *L2 olha ah o ti/ o ti/ ah especificamente o tipo de carreira ah eu acho que isso seria qualquer uma* (D2-SP-360:650)

Por estar à esquerda da predicação, o Tema ocupa a posição que Dik denomina P2, conforme o esquema em (1), aqui reformulado em (1a).

(1a) Tema, Predicação, Antitema

É possível, no entanto, ocorrência como o da sentença (16), em que o constituinte Tema é antecedido de outros elementos com funções distintas: primeiro aparece um modalizador (*graças a Deus*) e depois um constituinte foco (*no nosso curso*).

(16) *E, graças a Deus, no nosso curso, os estudantes, eles elogiam muito o curso de Dermatologia* (DID-SSA-301:344)

O próprio Dik (1981, p.153), entretanto, sugere a possibilidade de o Tema aparecer dentro da predicação, como um parêntese, o que parece

ser o caso da sentença (16). Embora não esteja na posição característica de Tema, assumimos que *os estudantes*, nesse caso, é um constituinte Tema, já que estabelece o *frame* dentro do qual se insere a predicação. A mobilidade desse constituinte representa um argumento a mais para se sustentar sua independência com relação à predicação, da mesma forma que ocorre com outros constituintes extra-oracionais, tais como o vocativo e o parêntese modal.⁷

Como já afirmado anteriormente, o estatuto pragmático do constituinte Tema é apresentar um domínio ou universo discursivo em relação ao qual é relevante enunciar a predicação subsequente. Assim o Tema está conectado à predicação somente por uma relação pragmática de relevância, ou seja, a predicação tem que, de alguma forma, estar relacionada ao universo estabelecido pelo Tema. Se não houver essa relação teremos um texto incoerente, tal como (17),

(17) *e a Joana? A neve é branca.*

em que não se estabelece nenhuma relação entre *Joana* e *neve*. Entretanto, essa relação pode ser estabelecida se a intenção do emissor, com base no conhecimento de mundo do destinatário, é fazer que este crie uma relação entre a *cútis clara* de Joana (que o destinatário já deve conhecer) e a *brancura da neve*. Nesse caso uma sentença mais adequada seria (17a), em que o pronome *ela* estabelece uma relação anafórica com *Joana*.

(17a) *e a Joana? A neve é branca, mas ela é muito mais.*

O Tema caracteriza-se ainda como uma função própria da modalidade oral, com raras ocorrências na modalidade escrita. Naquela modalidade, observa-se uma fronteira entonacional entre o Tema e a predicação subsequente, marcada por um contorno suspensivo e uma velocidade mais lenta, fatores que caracterizam, portanto, a formação de

⁷ A predicação é constituída de P1 (V) S (V) O (V), sendo a posição P1 universal. Há línguas, no entanto, que necessitam de uma outra posição dentro da predicação, que Dik (1989) denomina PØ. Como Dik (1997) esclarece, mais importante que a posição é a função que exercem os constituintes pragmáticos extra-oracionais. Assim, o constituinte Tema pode se posicionar dentro da sentença, como um parêntese. De acordo com o esquema em (1), a ocorrência (16) tem a seguinte forma: P1(no nosso curso), P2(os estudantes), S(eles) V(elogiam) O(o curso de dermatologia). O modalizador *graças a Deus*, por ser um satélite de atitude, não pertence à predicação nem possui posição no esquema de predicado.

um grupo tonal⁸ independente do grupo tonal da predicação, conforme atestam os exemplos (18-19) abaixo.

- (18) L1 // numa família grande // há sempre um com tarefa de supervisor//...(D2-SP-360:189)
(19) L1// então a minha de onze anos //... ela supervisiona o trabalho dos cinco //... (D2-SP-360:192)

Esse constituinte se manifesta, na maioria das vezes, com a estrutura de sintagma nominal, conforme demonstra (20). No entanto, sobretudo nas elocuições formais, há a presença desse constituinte com a estrutura de sintagma preposicionado, exemplificado em (21), a seguir.

- (20) *eu... quase não vou ao cinema teatro... às vezes eu vou... mais a teatro do que cinema... filme eu gosto mais de comédia... não gosto muito de filme...* (DID-SP-234:5)
(21) *então em relação ao Japão... o milagre japonês realmente foi milagre sabe?* (EF-RJ-379:200)

É também comum ao Tema apresentar co-referencialidade com algum elemento da predicação, que pode estar explícito por meio de um pronome ou anáfora zero. Essa co-referencialidade pode se estabelecer com qualquer função sintática: com o sujeito, como atestam os exemplos (22 e 23), com o objeto conforme se observa em (24), com o complemento nominal em (25), com o adjunto adverbial em (26).

- (22) *o acarajé eu acho que \emptyset é de feijão... não é?* (DID-RJ-328:180)
(23) *e o Nelson ele saiu dos transportes... há mais ou menos uns:: sete... ou oito anos* (D2-SP-360:837)
(24) *Quanto à carta do Cacá, tudo bem pela demora, sei que você é calminho, mas se você quisesse teria me entregue \emptyset antes não é?* (CP-17.9.1991:40)
(25) *agora... merenda escolar eu tenho pouca noção \emptyset* (DID-RJ-328:523)
(26) *E a avenida, também vai muito lá?* (CP-11.6.1992:10)

As estruturas exemplificadas em (20), (22) (23) são conhecidas respectivamente na literatura corrente como casos de “tópico no estilo chinês” e “tópico como sujeito prematuro”, segundo Chafe (1976), ou ainda “duplo sujeito” (Pontes, 1987, p.13).

⁸ Grupo Tonal é aqui entendido como a unidade de ritmo composta de um ou mais pés (Cagliari, 1991).

Com relação à co-referencialidade, foi possível notar, no *corpus* escrito, uma ocorrência curiosa do constituinte Tema: em primeiro plano, o emissor introduz um termo genérico (*Agora sobre o pessoal*) e posteriormente começa a especificá-lo (*a Alê, o tio Gustavo e a Priscila*). O Tema é co-referencial aos três primeiros sintagmas, que têm a função de sujeito. Como se trata de exemplo extraído de uma carta pessoal em que autor introduz uma informação nova e genérica, ele sentiu necessidade de especificá-la a seu interlocutor distante.

(27) *Agora sobre o pessoal, a Alê comprou um micro todo lindo! O tio Gustavo comprou um monza 91 4 portas lindo! A Priscila está quase namorando o Elver* (CP-06.10.1996:44)

A análise dos dados mostrou que, na escrita, o Tema é usado tipicamente para apresentar um domínio ou universo discursivo em relação ao qual é relevante enunciar a predicação subsequente, como se observa no exemplo (27), não sendo referido posteriormente. Já, na modalidade oral, nota-se que, ao estabelecer o domínio sobre o qual se refere a predicação subsequente, o Tema introduz uma entidade nova no discurso. Daí a presença do elemento co-referencial na predicação, sobretudo na função de sujeito. Em (23), repetida aqui, o constituinte-Tema *o Nelson* é usado para introduzir um elemento novo que será o Tópico (conforme definição de Dik) da conversação por um bom tempo.

(23) *e o Nelson ele saiu dos transportes... há mais ou menos uns:: sete... ou oito anos.* (D2-sp-360:837)

Nessa modalidade de linguagem, o Tema é ainda utilizado como estratégia para retomar o turno conversacional, conforme se observa em (28). Nessa ocorrência, o locutor (L1) está com a palavra e é assaltado pelo interlocutor (L2); ao retomar o turno, ele repete o último trecho de sua fala como Tema e continua seu discurso.

(28) L1 e::: *as mulheres são voto assim meio neutro elas:: s/ são meio ausentes na hora de:: lutar pelos vencimentos*

[

L2 começa que quase nem comparecem

L1 é

L2 né?

L1 então na hora de lutar pelos vencimentos elas ...são

L2 (é)

L1 quase que ausentes porque elas é muito bom (D2-sp-360:697)

A análise das ocorrências mostra, ainda, no *corpus* oral, o uso do constituinte Tema provocado pelo “efeito gatilho” (Emmerich, apud Braga, 1986). Esse tipo de estrutura ocorre somente em casos de diálogo, como nos inqueritos do DID e D2, circunstâncias em que, para iniciar seu turno, o locutor repete as últimas palavras proferidas pelo interlocutor, conforme se observa nos exemplos a seguir:

(29) Doc. *e bebida alcoólica?*

Loc. bebida alcoólica eu gosto muito... sabe... (DID-RJ-328:787)

(30) Doc. *quanto tempo demora... essa refeição?*

L2 essa refeição... normalmente leva meia hora mais ou menos... (D2-SP-360:325)

Outras vezes, o falante, ao tomar o turno para responder ao documentador, repete a informação solicitada em forma de Tema, tentando ganhar tempo para processar a informação. Na verdade, esse constituinte serve de apoio (suporte) para o processamento da informação, como mostra (15), repetida aqui.

(15) Doc. *que tipo de carreira... fora essa... seriam digamos conveniente.*

L2 *olha ah o ti/ o ti/ ah o especificamente o tipo de carreira ah eu acho que isso seria qualquer uma* (D2-SP-360:650)

Distinção entre Tema e Tópico

Pelo que foi exposto, fica claro que o constituinte Tema apresenta traços peculiares que o distinguem dos outros constituintes pragmáticos. Desse modo, não se justifica a confusão usualmente feita na literatura entre Tema, Foco e Tópico, uma vez que esses constituintes apresentam características gramaticais – sintáticas e semânticas –, prosódicas e pragmáticas distintas, como veremos a seguir.

Trataremos inicialmente da distinção entre Tema e Tópico, que não raramente se confundem: o Tema entendido como tópico se refere a um constituinte da predicação que sofre um deslocamento à esquerda.

Para Dik (1989), o Tópico é um conceito discursivo, já que qualquer discurso, tomado no sentido mais amplo de texto coerente, “fala” necessariamente a respeito de entidades. É essa entidade que Dik denomina Tópico-Discursivo. Um discurso pode ter diferentes Tópicos-Discursivos, alguns mais centrais do que outros, por isso são hierarquicamente organizados.

Em sentido abstrato, pode-se considerar que um discurso contém um “estoque de tópicos”, vazio no início, e que vai gradualmente sendo preenchido com Tópicos-Discursivos, conforme são introduzidos no discurso. Alguns Tópicos têm vida curta e desaparecem, outros são mais pervasivos e permanecem ao longo do discurso. Se um discurso aborda um certo Tópico, este deve ser introduzido em algum momento. Quando apresentado pela primeira vez, o Tópico-Discursivo é denominado Tópico-Novo (Top-N); após ser introduzida, a entidade em questão passará a ser considerada um Tópico-Dado (Top-D). Algumas vezes, dado um certo Tópico, pode-se falar sobre outros a ele relacionados, como se já tivessem sido introduzidos antes, casos em que se terá um SubTópico (Sub-Top). Por outro lado, uma certa entidade, que tenha sido abandonada por algum tempo, pode ser reavivada no discurso e restabelecida como Tópico. Tal entidade será denominada Tópico-Retomado (Top-R).

Em (31), por exemplo, o constituinte *período do paleolítico* é o Tópico-Novo, pois está sendo introduzido no discurso pela primeira vez, como obliquo, em posição final. Na sentença seguinte, já como Tópico-Dado, aparece como o sujeito, em posição inicial, expresso apenas pelo sintagma nominal *o paleolítico*, com função semântica Zero.⁹ Continua como Tópico-Dado na sentença seguinte, ainda como sujeito, mas agora elidido, conservando a mesma função semântica, já que se trata do mesmo tipo de estado-de-coisas da sentença anterior, um Estado.

(31) Inf. (...) *então nós vamos começar pela Pré-História... hoje exatamente pelo período... do paleolítico... a arte... no período paleolítico... o paleolítico é o período... da pedra lascada... como vocês todos sabem... não é? e ø tem uma duração de aproximadamente seiscentos mil anos... pegando a fase da evolução do homem enquanto homo sapiens... que já deixou de ser macaco... passou a usar a inteligência... a conseguir fazer coisas... e como a gente vê ø é um período eNORme frente ao que a gente conhece da história humana...* (EF-SP-405:1)

Como se pode notar, desse ponto de vista teórico, o Tópico, embora seja um constituinte pragmático, é também um constituinte da predi-

⁹ Dik define a função semântica Zero como a entidade primariamente envolvida em um Estado. Estado, por sua vez, indica o estado-de-coisas não-dinâmico e não-controlado.

cação, argumento ou satélite, e desempenha funções sintáticas e semânticas. Pode ocupar qualquer posição dentro da sentença, não necessariamente a posição inicial, e exercer uma função sintática, que não é necessariamente a de sujeito. Apresenta, assim, características gramaticais e pragmáticas muito diversas das do constituinte Tema, devendo, portanto, ser tratado distintamente.

Distinção entre Tema e Foco

O Tema é, outras vezes, confundido com o constituinte intra-oracional Foco, que ocupa a posição P1, no esquema (1), apresentado anteriormente. No entanto, o elemento focal inserido na posição P1, ou seja, o constituinte que se posiciona mais à esquerda da oração, como se pode verificar pelos exemplos, assinala sempre algum contraste entre ele e outras partes da informação contidas na predicação. Essas partes podem estar explicitamente apresentadas, em construções paralelas, tais como (32-34) abaixo.

(32) *...sei lá eu sabe o que eu o que eu noto... que o teatro agora... eu posso (dizendo isso) que antigamente o pessoal ia a gente via éh casais agora não eu acho que vai mais estuDANte eu acho que o pessoal deixou de ir a teatro né? eu acho que vai mais estudante mais molecadinha rapazes sei lá (DID-SP-234:141)*

(33) *Inf. eu noto que antigamente ti/tinham filmes mais assim:... com maior conteúdo mais éh::os filmes eram mais... ah::... o pessoal... não sei hoje em dia não aparece tanto filme como antigamente eu me lembro de vários filmes não lembro os nomes (DID-SP-234:364)*

(34) *L2 exatamente né? então vamos tentar:: () ver se conseguem
L1 isso
L2 agora é uma carreira muito boa principalmente para mulher
L1 é
L2 () pra homem já começa ficar um pouco mais difícil principalmente para os que têm dedicação exclusiva (D2-SP-360:637)*

Em outros casos, no entanto, a informação apresentada contrasta com uma outra que o falante pressupõe estar armazenada na memória do destinatário. Esse tipo de Foco é denominado por Dik contrapressu-

posicional. Esses são os casos mais típicos de focalização dados na literatura e geralmente tratados como topicalização. São ocorrências desse tipo as sentenças (35) e (36) a seguir.

(35) Inf. *quer dizer o pouco que eu:: eu imagino isso... agora a televisão eu estou fazendo assim um... uma... uma comparação porque à televisão eu tenho ido... estes últimos tempos eu tenho ido nesses programas de televisão então eu tenho achado que o trabalho que eles... fazem na no no palco para gravar o teipe da televisão...* (DID-SP-234:202)

(36) Inf. *eu noto que antigamente ti/tinham filmes mais assim:... com maior conteúdo mais éh::os filmes eram mais... ah::... o pessoal... não sei hoje em dia não aparece tanto filme como antigamente eu me lembro de vários filmes não lembro os nomes... éh:: eram filmes...que tocavam mais as pessoas hoje em dia os filmes são mais vazios sei lá...* (DID-SP-234:367)

Observa-se em sentenças desse tipo que o constituinte em posição inicial (P1) estabelece uma restrição entre aquilo que o falante supõe estar na mente do destinatário e o que ele quer acrescentar, ou seja, uma parte fica implícita já que o emissor presume que, embora o destinatário detenha uma parte correta de informação (x), acredita também — equivocadamente, na visão do emissor — numa porção que é incorreta (y). Nesse caso, o emissor corrige a presumida informação pragmática do destinatário, restringindo o conjunto de itens pressupostos ao item que considera correto. O foco contrapressupposicional em posição P1 tem, assim, a função pragmática de restringir porções de informação. Em (35) o sintagma *à televisão* contrasta com *teatro*, agora implícito, embora tenha aparecido anteriormente, pois o texto gira em torno de cinema, televisão, teatro e rádio. Em (36) o contraste é feito com *antigamente*, informação implícita, já que o texto desenvolve as diferenças entre os filmes antigos e os do momento da enunciação.

Assim, de um ponto de vista sintático, o Foco contrastivo se caracteriza por ser um constituinte da predicação, posicionando-se estrategicamente no início dela; de um ponto de vista pragmático, caracteriza-se por estabelecer contraste entre partes da predicação e simultaneamente restringi-las. De um ponto de vista prosódico, o Foco é marcado por uma velocidade mais rápida e um contorno entonacional descendente, constituindo com a predicação um único grupo tonal, como se pode verificar em (37).

(37) ...quer dizer é uma corrida assim:: bárbara... e diariamente quase que diariamente eles chegam atrasados... outro dia ((risos))//num mês eles tiveram quinze atrasos//... ((risos)) quer dizer (D2-sp-360:331)

Nessa ocorrência, o emissor pronuncia o enunciado sem estabelecer uma pausa entre *num mês* e *eles tiveram quinze atrasos*; além disso, o sintagma *num mês* tem uma velocidade mais rápida e um contorno entonacional descendente que se estabiliza em *eles tiveram quinze atrasos*.

Considerações finais

O propósito deste trabalho foi estabelecer critérios que permitissem distinguir nitidamente os constituintes que ocupam a posição inicial da predicação, no português brasileiro, com base na perspectiva funcionalista de Dik (1981, 1989).

A análise de dados do português confirma a distinção efetuada por Dik: os constituintes em posição inicial se caracterizam sintática, semântica e pragmaticamente em três tipos distintos Tema, Foco e Tópico.

Do ponto de vista sintático, o Tema distingue-se por ocupar a posição inicial, externa à predicação, caracterizado na formulação de Dik (1981) por P2, e não desempenhar nenhuma função sintática. O Foco, por sua vez, é interno à predicação, e, quando restritivo, pode ocupar a posição inicial, denominada P1; sintaticamente pode desempenhar as mais variadas funções. Já o Tópico, como o Foco, é também um constituinte da predicação e, como tal, pode ter diferentes funções sintáticas, ocupando, por isso, qualquer posição dentro da predicação, incluindo a inicial, sobretudo quando desempenha a função sintática de sujeito.

Do ponto de vista semântico, ao Tema não é necessariamente atribuída nenhuma função; já o Foco e o Tópico aceitam atribuição de casos semânticos.

Do ponto de vista prosódico, o constituinte Tema é marcado por uma velocidade mais lenta e um contorno entonacional suspensivo, o que acarreta uma ruptura na linha melódica que o separa da predicação subsequente; o Foco, por sua vez, apresenta um contorno entonacional descendente sem estabelecer nenhuma pausa entre ele e a predicação;

já o Tópico não se distingue prosodicamente, ou seja, não possui uma marcação entonacional proeminente.

Do ponto de vista pragmático, o Tema estabelece o universo do discurso em relação ao qual é relevante enunciar a predicação subsequente, podendo introduzir uma entidade nova no discurso ou servir de apoio para o processamento da informação. O Foco em posição inicial sempre estabelece um contraste entre partes de informação, restringindo e ao mesmo tempo realçando uma delas. O Tópico, pragmaticamente, representa a entidade que é tratada no discurso.

Acreditamos, com este trabalho, ter esclarecido que o constituinte Tema, da perspectiva da Gramática Funcional de Dik, vai além do que se tem denominado constituinte deslocado à esquerda e que não deve ser confundido com o Foco nem com o Tópico, funções pragmáticas pertencentes à predicação.

PEZATTI, E. G. Pragmatic constituents in initial position: the distinction among *Theme, Topic and Focus*. *Alfa (São Paulo)*, v. 42, p.133-150, 1998.

- *ABSTRACT: This paper deals with the extra-clausal pragmatic function Theme, in oral and written Portuguese, trying to establish a sharp distinction between this constituent and those which perform pragmatic functions of Topic and Focus. In order to do this, we adopt the Simon Dik's Funcional Grammar perspective (1981, 1989). The oral corpus is constituted by a sample extracted from NURC Project and the written one by samples collected from newspapers, magazines, advertisements and personal letters. This paper is organised in four parts: 1. proposition; 2. theoretical principles; 3. Theme's characterization, and 4. distinction among Theme, Topic and Focus functions.*
- *KEYWORDS: Pragmatic functions; theme; tail; topic; focus; afterthought.*

Referências bibliográficas

- BRAGA, M. L. Tópico e ordem vocabular. *Abralin*, v.6, p.174-88, 1984.
- _____. Construções de tópico de discurso. In: *Relatório final do projeto subsídios sociolingüísticos do projeto censo à educação (FINEP)*. Rio de Janeiro, 1986.

- BRAGA, M. L. Ordem de palavras, status informacional e caráter definido do SN. *Estudos Lingüísticos – Anais do GEL (Santos)*, v.15, p.7-18, 1987.
- CAGLIARI, L. C. *Elementos de fonética do português brasileiro*. Campinas, 1991. Tese (Livre-Docência) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas.
- CHAFE, W. Givenness, contrastiveness, definiteness, subject, topics and point of view. In: LI, C. (Ed.) *Subject and Topic*. New York: Academic Press, 1976.
- DIK, S. C. *Functional Grammar*. Dordrecht: Foris Publications, 1981.
- . *The Theory of Functional Grammar*. Dordrecht: Foris, 1989.
- . *The Theory of Functional Grammar*. Berlin: Mouton de Gruyter, 1997.
- GIVÓN, T. Topic, pronoun, and grammatical agreement. In: LI, C. (Ed.) *Subject and Topic*. New York: Academic Press, 1976.
- PERES, J. A. *Elementos para uma gramática nova*. Coimbra: Almedina, 1984.
- PEZATTI, E. G. *A ordem de palavras em português: aspectos tipológicos e funcionais*. Araraquara, 1992. Tese (Doutorado em Lingüística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista.
- PONTES, E. *O tópico no português do Brasil*. Campinas: Pontes, 1987.
- PRETI, D., URBANO, H. (Org.) *A linguagem falada culta na cidade de São Paulo: materiais para seu estudo*. (Projeto NURC). São Paulo: T. A. Queiroz, 1988.
- TARALLO, F., KATO, M. Harmonia trans-sistêmica: variação inter- e intra-lingüística. *Preedição – 5*. Campinas: RG, 1989.